



Campanhas miram indecisos e ausentes

Abstenção virou tema central para o segundo turno da disputa ao Planalto. Enquanto Flávio tenta evitar debandada de apoiadores por clima de “já ganhou”, Lula quer convencer quem não compareceu às urnas e foca nas redes sociais

» MARIA BEATRIZ GIUSTI
» PEDRO JOSÉ BORGES

A disputa pelo segundo turno da eleição presidencial passa pela mobilização dos eleitores que já escolheram um candidato no primeiro turno e pela conquista de quem ainda está indeciso ou pretende mudar de voto. Enquanto o senador e presidenciável Flávio Bolsonaro (PL-RJ) pediu que seus apoiadores voltem às urnas em 25 de outubro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fez um apelo para que os eleitores que não compareceram à primeira votação participem do segundo turno.

Em live, Flávio afirmou que a eleição não está decidida e alertou para o risco de parte de seus eleitores deixar de comparecer às urnas por considerar a vitória garantida. O senador também destacou que pessoas que não votaram no primeiro turno podem participar do segundo. “A gente não tem eleição ganha. Todo mundo que foi votar e deu voto de confiança em Flávio Bolsonaro, por favor, no dia 25 de outubro compareçam às urnas de novo”, pediu.

O candidato reforçou que a mobilização precisa continuar mesmo entre os eleitores que já declararam apoio a ele. “Tem muita gente que votou no primeiro turno e, no segundo turno, acha que já está tranquilo e não vai votar. Gente, pelo amor de Deus, não façam isso”, afirmou.

Lula também colocou o combate à abstenção entre as prioridades da campanha para o segundo turno. “Uma coisa que eu e o Alckmin vamos fazer é um apelo. É que nós tivemos mais de 30 milhões de pessoas que não compareceram para votar”, afirmou, reforçando, ainda, as entregas de sua gestão.

Na campanha petista, ainda, o deputado federal André Janones (Rede-MG) defende uma estratégia centrada na atuação coordenada de apoiadores nas redes sociais. “Não estamos nos anos 80 mais, estamos em 2026. É aqui que a coisa é decidida. A gente

perdeu o primeiro turno só na rede social”, comentou.

Segundo o cientista político Murilo Medeiro, o período mais curto de campanha exige dos candidatos maior precisão nas estratégias, já que há pouco tempo para ampliar o apoio e pouca margem para erros. “O segundo turno é uma eleição muito mais curta e intensa no confronto dos dois polos políticos. É uma eleição em que os candidatos têm pouco tempo para conquistar novos votos e praticamente nenhum espaço para cometer erros”, aponta.

Nesse cenário, a tendência é de uma campanha mais agressiva, com o confronto entre os candidatos ganhando força. Para Medeiro, a disputa deve se concentrar cada vez mais na rejeição ao adversário. Enquanto Lula tende a explorar o medo de uma mudança de governo, Flávio Bolsonaro deve apostar no desejo de mudança entre os eleitores.

Já para o cientista político e sócio da Hold Assessoria Legislativa André César, a rejeição ao PT deve ser um dos principais fatores de mobilização do eleitorado no segundo turno das eleições, especialmente entre os eleitores conservadores. “O antipetismo é o maior partido do Brasil. Essa é uma coisa, e isso é muito explorado pelos adversários, ainda mais por um adversário com o perfil do Bolsonaro e seus aliados”, afirma.

Voz do eleitor

A empresária Naira Vilarins afirma que já decidiu mudar o voto em relação ao primeiro turno, quando sua escolha foi motivada pelo interesse em evitar a reeleição e não escolheu nenhum dos dois candidatos que chegaram à reta final. Ela diz que considera a composição do Congresso Nacional um fator importante na decisão do voto neste segundo turno, e que suas convicções sobre responsabilidade social e valores pessoais pesaram na decisão.

“Ter Lula na Presidência não transforma um Congresso de direita em Congresso de esquerda

Ricardo Stuckert/PR e Andressa Anhoite/Ag.Senado



Confronto na reta final da eleição tende a ser mais agressivo, com aumento de ataques ao adversário

Arquivo pessoal



Sou conservador, defendo a liberdade, a família tradicional e sou católico, não aceito ideologias de gênero nem segregação de raças. Por isso, Flávio Bolsonaro é meu candidato”

Ivan Benazzi, veterano do Exército

Arquivo pessoal



Ter Lula na Presidência significa colocar um Executivo com outra orientação política diante desse Congresso, com poderes próprios para governar, propor, executar, vetar e negociar”

Naira Vilarins, empresária

— mas significa colocar um Executivo com outra orientação política diante desse Congresso, com poderes próprios para governar, propor, executar, vetar e negociar”, argumenta.

O programador Diogo Demetrius, que votou em Renan Santos (Missão), afirma que pretende votar no presidente Lula, apesar de não se identificar com nenhum dos dois candidatos que seguem na disputa. A decisão, segundo ele, é para decidir quem é o “menos pior”. “Não gosto de nenhum dos dois, mas não acho o Flávio melhor que o Lula”, declarou.

Ele cita a exploração de minerais críticos como uma questão relevante para sua escolha. “O Lula, pelo menos, não mostrou querer entregar terras raras para os EUA. Sendo que isso é uma das coisas mais importantes do nosso século”, disse.

Convicções

Em sentido contrário, o veterano do Exército Ivan Benazzi afirma que manterá o voto dado no primeiro turno em Flávio Bolsonaro. Ele atribui a decisão às suas convicções conservadoras e religiosas. “Sou conservador, defendo a liberdade, a família tradicional e sou católico, não aceito ideologias de gênero nem segregação de raças. Por isso, o Flávio Bolsonaro é meu candidato”, afirmou.

Já Rogério Alves, graduado em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB), afirma que votará em Lula por considerar que o petista representa uma opção mais comprometida com a democracia. Ele cita questionamentos públicos envolvendo integrantes da família Bolsonaro e suas supostas relações com pessoas ligadas às milícias e ao crime organizado. “O principal motivo é que considero Lula um democrata, enquanto não acredito no compromisso de Flávio Bolsonaro com a democracia”, afirmou Alves.

As campanhas de Lula e Flávio foram procuradas pelo **Correio**, mas não deram resposta até o fechamento da edição.

Ivan Pisarenko / AFP



Manifestantes ocuparam cerca de sete quarteirões na orla do Rio

Ato a favor de Lula lota Copacabana

» JUNIO SILVA

Apoiadores do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) realizaram, ontem, um ato na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, pela reeleição do petista e a favor da democracia. A manifestação, convocada pelas deputadas federais Benedita da Silva (PT-RJ) e Jandira Feghali (PCdoB-RJ), entre outras lideranças, espalhou-se por diversos quarteirões ao longo da Avenida Atlântica.

Com cartazes e bandeiras vermelhas, os manifestantes pediram a reeleição de Lula e protestaram contra o projeto político do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Críticas às bets e apoio ao fim da escala 6x1 também marcaram o ato na capital fluminense. Outros manifestantes pediam o voto crítico ao líder petista, para impedir o retorno do bolsonarismo ao poder.

A concentração ocorreu no Posto 5, por volta do meio-dia,

mas os manifestantes ocuparam, aproximadamente, sete quarteirões da avenida. Até o fechamento desta edição, não havia uma estimativa oficial de público. No final da tarde, os apoiadores de Lula começaram a se dispersar, mas parte deles participou de outro ato na Lapa, organizado por grupos de sambistas.

Aliados do presidente celebraram a mobilização nas redes, parte de um esforço para que o petista vire o resultado do primeiro turno. Lula ficou em segundo lugar, com 45% dos votos, atrás de Flávio, que teve 47%. “Hoje (ontem) foi o Rio de Janeiro! Não vamos sair das ruas até virar essa eleição!”, publicou o ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos. “A virada está começando. Quem entende a gravidade do que está em jogo sabe: não podemos girar em ré”, escreveu, por sua vez, o senador Humberto Costa (PT-PE).

Em comemoração ao Dia de Nossa Senhora Aparecida, Lula permaneceu em Brasília, onde participou de uma missa no Palácio da Alvorada. O adversário no segundo turno, Flávio Bolsonaro, participou de outra celebração na Catedral de Brasília.

Mobilização

A última semana foi marcada por atos pró-Lula em todo o país. No domingo, lideranças políticas e manifestantes lotaram a Avenida Paulista, em São Paulo, para pedir a reeleição do petista. Convocado pela União Nacional dos Estudantes (UNE), o ato contou com a presença do próprio presidente, do vice-presidente Geraldo Alckmin, da ex-ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, do ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos, além de governadores aliados.

Em discurso, em cima de um carro de som, Lula disparou críticas a seu adversário. “Vocês sabem o que a família bolsonarista fez nesse país, o que é um presidente rir de pessoas que estavam morrendo asfixiadas por falta de oxigênio. Vocês viram quantas pessoas foram enterradas em sacos pretos, sem poder se despedir da sua família, porque tivemos um presidente irresponsável, que duvidou da ciência, que duvidou da medicina, que recebeu remédio que não serviu para nada”, declarou o candidato, em referência às ações do governo de Jair Bolsonaro (PL) durante a pandemia de covid-19.

Outras capitais, como Belo Horizonte (MG), Florianópolis (SC) e Recife (PE) também registraram mobilizações de entidades de esquerda. Em Brasília, movimentos estudantis convocaram uma manifestação na Esplanada dos Ministérios para hoje.